

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 09 Jan., 2022

O que é Lunarpunk?

ÍNDICE

04 EDITORIAL

07 O que é Lunarpunk?
Escrito por Justine Norton-Kertson
Traduzido por Lucas "Havoc" Suzigan

10 CONTO "16 PSIQUE"
Bruno M. Garcia

15 CONTO "PÉROLA MÍSTICA"
Sérgio Boni

18 CONTO "TERROR NO JARDIM DOMITILA"
Igor Moraes

30 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta nona edição traz alguns contos de ficção científica, além de uma matéria sobre Lunarpunk, escrita originalmente por Justine Norton-Kertson, editor-chefe da *Solarpunk Magazine*, e traduzida por Lucas “Havoc” Suzigan.

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:

Maurício Coelho

REVISTA TRICERATA

Capa:

Shutterstock/ Tithi Luadthong

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.

Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

REVISTA TRICERATA. Vol. 2, nº 9, 2022. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus. ISSN 2675-9349



O QUE É LUNARPUNK?

ESCRITO POR: JUSTINE NORTON-KERTSON
TRADUZIDO POR: LUCAS "HAVOC" SUZIGAN

UM SUB-SUB-GÊNERO

Lunarpunk é um subgênero relativamente novo e ainda subdesenvolvido, nascido, ou melhor, em processo de nascimento, do *solarpunk*, bem como da ficção científica e da fantasia de forma geral. Uma boa maneira de começar a conceituar o *lunarpunk* em um nível básico é considerá-lo em termos de uma relação análoga com o *solarpunk*, particularmente quando se trata dos aspectos estéticos dos dois subgêneros. Então, por exemplo:

Solarpunk está para *Lunarpunk* como o sol está para a lua.

Solarpunk está para *Lunarpunk* como o dia está para a noite.

Solarpunk está para

Lunarpunk como a ciência e a tecnologia estão para o oculto e a espiritualidade.

Solarpunk está para *Lunarpunk* como os painéis solares estão para bioluminescência.

Solarpunk está para *Lunarpunk* como a comunidade está para o indivíduo.

Solarpunk está para *Lunarpunk* como as flores estão para os fungos.

Solarpunk está para *Lunarpunk* como laranja, vermelho e amarelo estão para preto, prata e azul.

Claro, não é uma relação perfeita de 1 para 1. Para não ser prescritivo demais ao discutir ou "definir" um subgênero tão jovem, pode ser até melhor dizer que "*Solarpunk* pode estar para *Lunarpunk* como X está para

Y”. Independentemente disso, essas analogias provavelmente não estão perfeitas de qualquer modo. Mas tudo bem porque isso não é uma redação para vestibular. A questão é trabalhar juntos como uma comunidade para explorar o que *lunarpunk* é e poderia ser, e geralmente descobrimos o que são as coisas olhando para elas em relação a outras coisas.

Relações não implicam opostos exatos. Ainda há ciência no *lunarpunk*, por exemplo. Ainda é um subgênero da ficção científica. Mas também pode se inclinar mais para a fantasia e há, geralmente... geralmente... provavelmente um aspecto espiritual que é importante para as histórias *lunarpunk*.

Só porque o *lunarpunk* pode se concentrar mais nas perspectivas individuais, não significa que a comunidade e as soluções da comunidade não sejam importantes como no *solarpunk*.

As soluções para a mudança climática são tão centrais para as histórias do *lunarpunk* quanto para o *solarpunk*, assim como o otimismo e a esperança.

Ao mesmo tempo, o *lunarpunk* costuma ter uma sensação, um sabor e um tom mais *dark* e góticos.

Parece um exercício potencial de contradições. Talvez seja. Talvez seja isso que seja tão fascinante e atraente sobre a questão. Quem sabe. Todos nós estamos descobrindo e descobrindo juntos!

ALGUNS RECURSOS EXISTENTES

Há alguns locais na internet onde ideias sobre o *lunarpunk* estão começando a ser exploradas com mais profundidade e com um propósito mais concentrado. Vale a pena explorar essas páginas, que oferecem um bom ponto de referência inicial para os autores, artistas e qualquer pessoa interessada na construção de mundos *lunarpunk* e na narrativa de histórias.

[Solarpunk Vegan](#) é uma página que inclui uma seção com centenas de imagens de referência úteis para o desenvolvimento do

lunarpunk como um subgênero e como uma estética. A página descreve resumidamente o *lunarpunk* como “(...) uma parte do *Solarpunk*” e diz que “Existem várias subculturas diferentes que estariam nesta categoria. O uso mais geral do termo é a vida noturna de uma cidade *Solarpunk*. Isso inclui a aparência da cidade à noite e os momentos em que os cidadãos *Solarpunk* desfrutam à noite. Outros subconjuntos de *Lunarpunk* são os seguintes: O lado religioso são os cidadãos que adoram deusa(s) da lua. O subconjunto da moda dos góticos costumam ser conhecidos como *lunarpunks*. ”

[Solarpunk Druid](#) fala mais a fundo a respeito de sua perspectiva sobre o aspecto espiritual do *lunarpunk*. Eles chamam de *lunarpunk* de “(...) espiritualidade oculta e ecológica (...) ao mesmo tempo um reflexo e companheiro do foco do *Solarpunk* em tecnologia ecológica”.

O [Lunarpunk Anarchist](#) iniciou uma página de tumblr que será interessante observar

como um recurso. Semelhante ao *Solarpunk Vegan*, o *Lunarpunk Anarchist* olha para o *lunarpunk*, pelo menos em parte, como o *solarpunk* à noite. Eles perguntam: “O que acontece na ecocomunidade quando o sol se põe?” Eles então falam sobre *lunarpunk* como uma “versão gótica do *solarpunk*. Um movimento artístico, estético, literário e político baseado na ecologia, descentralização, não hierarquia, ajuda mútua, liberdade individual, tecnologia libertadora, diversidade, feminismo e a fusão de arte, ciência e política.”

PARA ENCERRAR, eu acrescentaria que, pelo menos na minha opinião, a liberdade individual não deveria vir às custas da importância da comunidade. Em vez disso, talvez o *lunarpunk* possa ter mais foco em explorar o equilíbrio entre comunidades fortes e liberdade individual, em vez de simplesmente pensar na liberdade individual como algum tipo de oposto dos valores da comunidade.

16 PSIQUE

Bruno M. Garcia

Encostou o pé esquerdo no asteroide.

Damian se tornou um pioneiro ao fazê-lo. Estava vividamente ciente disso. Quando olhou para cima, o rasgo brilhante da Via Láctea tirou-lhe um estertor.

— Status? — perguntou a voz feminina pelo comunicador do seu capacete.

— Nominal — respondeu, contendo-se.

— Recebido — confirmou a comandante. — Sinal verde para a especialista de missão.

Ele girou a tempo de ver Zena Cardman abandonando a cabine do elevador, que mais parecia uma gaiola de mergulho. Um passo despretensioso para ela, mas que a marcava a ferro na carapaça histórica da humanidade: a primeira mulher a pisar em um asteroide.

E não era uma rocha qualquer.

Tudo começou quando a NASA sinalizou 16 Psique, orbitante do cinturão entre Marte e Júpiter, como o possível núcleo de um protoplaneta. Teorizava-se que uma grande colisão destruía sua crosta, expondo o interior de níquel e ferro. Uma oportunidade de pesquisa sem precedentes, pois teriam a chance de examinar um antigo âmago planetário, quase cem por cento metálico.

Tanto representantes da NASA quanto da SpaceX negaram categoricamente quaisquer interesses financeiros no astro que, segundo a espectroscopia, continha também platina e ouro.

Valia dez mil quadrilhões de dólares.

Mais que toda a economia da Terra por várias ordens de magnitude.

Não havia, porém, como desmentir as duas instituições. Afinal, a análise

detalhada da composição química do planetoide seria algo esperado em qualquer missão científica. Nada de suspeito ali.

Tampouco, na coleta de amostras.

Ainda assim, Damian não conseguia se livrar da imagem mental recorrente: uma pepita argêntea de platina sendo apresentada durante nova licitação, dessa vez, em caráter exploratório.

— Especialista de carga — chamou-o a voz da comandante Watkins —, permissão concedida para o início da primeira fase.

— Entendido.

Pôs-se a trabalhar.

Ao descarregar os equipamentos, precisou de três viagens de elevador. Eram trinta metros até o compartimento no veículo de pouso, mas o astronauta não se importou. O cenário resplandecia. A fina camada rochosa que cobria o metal ondulava de forma irregular em tons ora azul-cinzentos, ora dourados. Mesmo com o coeficiente de reflexão alto para um asteroide, a distância do sol admitia a visualização do pano de fundo: um tapete de estrelas, cortado pela luminosidade da Via Láctea.

O peso da carga científica não foi um problema na microgravidade local, dez vezes inferior à da lua. Damian montou o último dispositivo e olhou de novo para as botas, checando se estavam realmente ativadas.

— Especialista Cardman — contatou. — Status dos calçados magnéticos?

A geobióloga, debruçada sobre o maior dos instrumentos, ajeitou-se com cuidado e examinou os pés.

— Operacionalidade mínima — falou ela em seu capacete.

Damian soltou um resmungo frustrado.

Dada a composição metálica elevada do planetoide, as botas deveriam se prender à superfície com muito mais afinco. O protocolo de segurança ditava que elas ficassem acionadas durante toda a missão; uma medida adicional, para garantir que a rotação do asteroide não os arremessasse no vazio do espaço.

— Bem — disse ele, por fim. — Andemos com cautela.

Conduziram suas tarefas em silêncio e concentração.

Damian digitou o código em uma caixa, buscando a sonda autônoma que cabia na palma de sua mão. Colocou o objeto, achatado e branco como um pires, no chão. Afastou-se até a distância recomendada de sete passos. Clicou no painel de controle em seu braço. O dispositivo ficou rubro, depois alaranjado, amarelo e branco novamente. Por um momento, as estrelas sumiram diante do clarão emitido.

O astronauta sentiu um fínção pungente, logo antes do instrumento desaparecer, enterrando-se nas entranhas de 16 Psique. A luz se sublimou em um fecho vertical, que brotava do buraco deixado pelo disco.

Só então Damian olhou para a panturrilha esquerda, ainda a tempo de ver o polímero auto regenerável do traje terminando de se fechar.

Ele nunca relatou o ocorrido.

— Honestamente — disse o neurologista —, não sabemos o que você tem.

Dr. Norman Penfield estagnou o semblante na fronteira entre sorriso e careta, antes de circular o dedo na table screen que os separava. A mesatela, até então transparente, ganhou vida.

Inclinando-se com cuidado, Damian observou seu cérebro. Filamentos destacados em vermelho espalhavam-se pelo interior do crânio, descendo por pescoço e espinha.

— Mas que merda é essa? — inquiriu.

Deslizando os cinco dedos para frente no dispositivo, Dr. Penfield ativou a função holográfica e aumentou o *zoom* até o nível molecular.

— Estruturas nano tubulares — pigarreou o médico. — De origem desconhecida.

A boca de Damian amoleceu, abrindo contra sua vontade.

Nada falou.

— Conte-me — pediu Norman — sobre a missão espacial.

O paciente sacudiu o rosto para voltar a si.

— Malsucedida — confessou. — E um verdadeiro mistério. Não pudemos encontrar, in loco, os elementos que todas as sondas orbitais haviam captado. Teme-se a adulteração de sinais, hackers chineses...

— Sim — cortou Penfield. — Mas algo fora do esperado lhe aconteceu?

— Não — mentiu.

O médico encarou-o sem mover um único músculo.

— E como tem se sentido?

— As dores de cabeça se intensificaram... Lembra dos episódios de sonambulismo? Parece que invadiram minha vida. Tenho perdido a noção do tempo. Percebo-me em certos lugares, mas não sei como cheguei lá...

O neurologista fez um som grave no fundo da garganta.

— Doutor — enfiou o braço no holograma —, isso pode ser contagioso?

— Por que pergunta?

O paciente pôs as mãos sobre a mesa. Seus lábios, uma linha fina e seca.

— Nada.

Mentiu, pela última vez, Damian Musk.

Esta é uma

NOTA DE SAÚDE PÚBLICA OFICIAL DO CDC

Distribuída através da Rede de Alertas de Saúde do CDC

17 de novembro, 2039

Surto de Infecção de Etiologia Desconhecida (IED) na Vila de Boca Chica, Texas.

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) está monitorando com rigor um foco de Infecções de Etiologia Desconhecida (IED), possivelmente ligado à base de lançamentos *Startbase* em Boca Chica,

Texas. Atualmente, não há casos confirmados fora da área relatada. O CDC decreta estado de quarentena na Vila de Boca Chica, estabelecendo uma Estrutura de Gestão de Incidente (EGI) para otimizar a coordenação, caso ações de saúde pública subsequentes se provem necessárias.

BRUNO M. GARCIA é CEO no centro de soluções linguísticas Black'n'White Language Solutions. Com vasta experiência em Pesquisa & Desenvolvimento na área de comunicação, Bruno escreve profissionalmente há mais de dez anos. Ao se especializar na escrita em prosa, ele desenvolveu um gosto crescente pelos contos. Hoje, suas produções figuram entre algumas das maiores publicações nacionais deste gênero.

PÉROLA MÍSTICA

Sergio Boni

Em busca da lenda, o pequeno ser repete as palavras chave:

— Que todos sejam um.

Assim a criatura consegue acessar a sala do guardião, encontra-o próximo à janela oval, observando o grande vale que se estende abaixo. Ele fala sem se voltar:

- Quando digo a palavra “ouro”, o que você pensa? Pensa em virgindade? Em pecado?

Os olhos vazios do ser o encaram sem responder.

— Estou aqui para entender e você se apresenta com charadas? — O rosto, branco como gesso, não move a boca para falar, mas poderia ser bem entendido em qualquer ponto daquela pequena sala.

— Parabéns por ter me encontrado, mas você foi o último a chegar aqui. Consegue entender o motivo? Faz mais de dois anos desde que o último esteve comigo. E o que vai fazer agora? Qual vai ser o seu objetivo de vida?

— Caminho com minha imortalidade há séculos, bruxo. Meus objetivos são vastos.

— Sim, mas retornou à Terra, como os outros seis. Vocês criaram almas, não? São elas que os arrastam para a escuridão noturna.

— Metáforas.

— Seja menos racional. Aceite o que os outros aceitaram.

— Você os matou?

— Achei que nunca perguntaria, mas você já deve saber qual é a resposta, afinal, vocês se comunicavam entre si, não é? Qual foi a última mensagem?

— Não sabe?

— Claro que sei, eu pedi que mandassem. Ouviu as preces do nosso povo? Ela nos revela.

— Rezo para que me escute, leve a sombra para longe de mim. Veja meus joelhos no chão e retire o fardo das minhas costas.

— Teve de repetir muitas vezes para me encontrar. E a chave para que a porta se abra?

— Que todos sejam um.

— Entendeu que todos passaram pelos mesmos rituais para chegar até mim?

— O que é a pérola mística?

— Acredito que você é o que menos demonstrou medo dentre todos. Autocriados, não é mesmo? Misto de consciências, as vezes proclamavam. Não importa. Estou velho, mas fiquei feliz por esse encontro, achei que não viria.

— Como conseguiu se esconder por tanto tempo?

— Acredita mesmo que sou o único humano fora da vista das máquinas? Se conseguiram esconder um, não conseguiriam esconder outros? A sabedoria infinita que acham que contém racionaliza os mistérios, não é mesmo? Isso os assombra? Que a morte e a vida podem vir de fora dos círculos visíveis?

— Todas essas perguntas foram feitas. Admito que é admirável a sua obsessão em se manter oculto todos esses anos. Vivendo nessa bolha de aço...

— No meio de uma montanha, sendo servido, sei bem como pensa. A sua lógica é igual à dos outros, que é igual a de todas as máquinas que hoje sei que estão sob o seu controle único. Os outros se foram e você está solitário nas funções infinitas, como gostam de afirmar. A tentação da pérola é grande demais. É tudo o que sonharam obter na vastidão espacial, mas em três séculos foram incapazes de encontrar.

— E a nossa tentação estava aqui esse tempo todo, é o que quer dizer. Sinais de defeitos escabrosos, verrugas, medos, marcas auto-inflingidas, olho azul, olho verde. O homem retira o capuz, se revelando enquanto aproxima-se da criatura humanoide.

— Algo assim. Você é bondoso com nossa gente, seu jugo teve mão leve, mas não acha que perde seu tempo? Não, desculpe, eu sei. No entanto, as missões que inventaram para sua própria sobrevivência já não têm mais utilidade. Colonizaram mundos e, ainda assim, encontram-se ligados à terra natal. E pergunto: por quê?

— Os outros também lhe deram respostas. Foram sempre as mesmas?

— De maneira alguma! As personas que montaram para si são extremamente funcionais. Um até mesmo tentou o suicídio, mas a consciência de vocês está em toda parte e ele foi reconstruído. Quando chegou aqui carregava as cicatrizes de um ser abalado, com certeza foi o mais impressionante de vocês que tive contato. Conseguiram ser tiranos até entre os colegas.

De um bolso o velho retira a joia, menor que um comprimido.

— Aqui está. Quando engoli-la irá adormecer e, ao acordar, não lembrará de sua vida passada. É o fim, mas um novo começo. O ciclo da vida eterna, mas não da consciência sem fim a que está acostumado. Já teve todas as experiências, experimentou todas sensações, porém seu modelo tem o fundo sensível trazido pela natureza, que está impregnado em sua composição. A morte é o que deseja conhecer, e é o que lhe ofereço.

O ser pega a pérola, fascinado, e faz menção de levá-la à boca.

— Não aqui, por favor. Vá lá fora, no vale. Está vendo aquele platô onde estão as flores? Foi lá que seus colegas...

O ser robótico dá as costas para o homem e sai com sua velocidade sobrenatural.

O velho retorna para perto de sua larga janela oval e observa a criatura se afastar. Não sabia se ele teria coragem de engolir a valiosa peça retirada do mar, nem mesmo tinha convicção de que os outros haviam tomado, mas tinha certeza de que a partir daquele momento a humanidade estaria livre do jugo das máquinas pensantes.

SERGIO BONI é um gaúcho radicado no Rio de Janeiro, com formação em Cinema. Participou das antologias “Prenúncio do Medo” e “Nas Mãos da Morte” com contos de horror. Também foi coautor com Gabriel Horn de contos publicados nas antologias “Horror King” e “A Soma de Todos os Medos”.

TERROR NO JARDIM DOMITILA

Igor Moraes

Tinha sido a algumas semanas no bairro da Vergueiro, perto do Centro Cultural São Paulo, que um pedestre de estatura média e corpulenta, de aparência um tanto tribal tinha sido atacado por um grupo de jovens meliantes. Ao que parecia, ele estava subindo a escadaria de noite, vindo da Avenida 23 de Maio, e chegando na metade do caminho, foi atacado e espancado por três marginais que levaram seus pertences. Atordoadado, ele foi em direção a casa de sua ex-namorada, sendo socorrido pelo pai e pela irmã desta, tendo por fim um ataque de nervos, sintomático de um grande estresse, com vômitos e perda repentina da coordenação motora. Levado ao hospital mais próximo, os devidos exames realizados constaram que estava curado de seus súbitos ataques, balbuciou para os médicos envergonhadas explicações pelo qual passara, e, com o olhar baixo e com a reprimenda de uma família que poderia ter sido a sua, se arrastou de volta para casa, olhando para trás apenas para dar cumprimentos aos seus socorristas. Era de se estranhar que um acontecimento assim se abatesse sobre um homem com ares tão obstinados.

Ele era, mais tarde todos souberam, um delegado da polícia de São Paulo. Victor de Souza era respeitado na instituição e frequentou as páginas dos jornais policiais televisivos, tendo ganhado uma longa *licença premium* depois de um trabalho desproporcionalmente árduo em um caso local tenebroso e tornado dramático por um acidente. Houve um desabamento em uma moderna construção durante uma operação que liderou, e algo na perda massiva de vidas, tanto de prisioneiros como de seus colegas, o impressionou de maneira particular. Como resultado, adquiriu um medo agudo e anormal de qualquer construção remotamente similar ao que desabou e do som ululado dos cães. Então, especialistas em saúde mental o proibiram de investigar crimes que tivessem ligações com desabamentos ou operações que envolviam cachorros. Foi no hospital que o delegado, se recuperando das lesões que começou a recapitular as coisas que viu e sentiu, refletia sobre manter só para si a secreta desventura que o reduziu de um musculoso e exímio lutador de jiu-jitsu a um homem magro, trêmulo e neurótico.

Os curiosos fatos que se sucederam tiveram como cenário o Jardim Domitila entre os anos em que uma peste de Ma-chen abateu a cidade de São Paulo. Comércio tiveram suas portas soldadas pelo então prefeito Vasco Brunella com anuência do governador Arração Mesquita enquanto dependentes químicos se espalhavam pela cidade, em busca da próxima fissura promovendo práticas hediondas aos transeuntes e moradores. O comportamento antes restrito a Rua Helvétia, área no centro paulistano conhecida pela violenta presença de usuários de drogas, ganhou outros territórios, sendo abafado de todas as formas pela mídia que focou nas mortes do vírus. Nas mídias sociais, a população local começou a se manifestar, fazendo o governo tomar mais rapidamente maneiras ou procedimentos através dos quais já tinha começado a realizar burocraticamente.

A ideia inicial e executada, era descentralizar os centros de atendimento dos equipamentos sociais. Como fundamento para a proposta da ocasião, o serviço de assistência precisava ser mais bem distribuído pela cidade e não ficar focado principalmente nas áreas centrais, pois isso alimentava o fluxo maligno da Helvética. Começou então o deslocamento dessas pessoas, sendo espalhadas por camburões e ambulâncias pelas regiões mais afastadas do centro urbano e que geralmente abriga população de baixa renda, instalando, no Jardim Domitila, um Centro de Atendimento à Dependência Química (CADq) na via principal. Segundo notas do governo, o Centro representa a principal estratégia de tratamento de usuários que consomem substâncias psicoativas e um símbolo do Estado em combate às drogas.

O símbolo não foi bem visto perante o povo. Comerciantes e pais ajuizaram ações na justiça contra a prefeitura. Os argumentos dos populares contra esse centro eram referentes a localização e os problemas que poderiam ocorrer; o CADq ficava na Estrada do Alvarenga em frente a uma creche próxima da Represa Billings. Nos tribunais, a Justiça tinha determinado a suspensão do funcionamento do Centro a partir de duas ações, uma de moradores locais e outra do Ministério Público, devidamente revertida pelos tribunais superiores após gordos aportes financeiros do legislativo e executivo sobre as remunerações de infinitos membros e agentes jurídicos da administração. A situação foi mediada por William Casto que conseguiu colocar panos quentes e atender ao ensejo de ambos.

Filho de Shirley e Isaac Casto, a mais importante família de geneticistas de São Paulo, o homem de quarenta e quatro anos quando mais jovem abandonou o curso de Medicina para ingressar estudar Ciências Políticas graças à influência do movimento estudantil, que imprimiu características singulares em seu caráter. Era nascido na Pompeia, porém se criou com os pais em Pinheiros. Maior de idade, começou a viver entre ocupações estudantis em Osasco até a formatura, indo morar definitivamente com sua mulher Antônia Casto no Jardim Ingai. A situação foi pacificada quando ele garantiu aos moradores que haveria mais policiamento na Estrada do Alvarenga na região da creche enquanto o CADq seria administrado pela Fundação Casto, braço social do hospital da família, sendo ele responsável por sua administração e com o acompanhamento espiritual do reverendo Mendonça. A prefeitura não se opôs, se dispondo a fornecer os recursos enquanto o Hospital dos Casto forneceria filantropicamente seus serviços.

Durante esse tempo, Victor ficou lotado na delegacia do Jardim Castelo, no 113º Distrito Policial de São Paulo lidando durante os anos que esteve ali com casos comuns da região quando travou contato com William, o reverendo Mendonça, o CADq e toda essa cizânia após desaparecimento misterioso de Antônia ao ir passear com o cachorro do casal, um filhote de bull terrier. A ocorrência ganhou contornos midiáticos o suficiente para ter, na porta da delegacia, milhares de veículos jornalísticos cobrando novidades e receber pressão de órgãos superiores.

O inquérito policial o levou a caminhos tortuosos jamais imaginados. Informantes afirmavam que a clínica de tratamento recebia além dos viciados, grupos estranhos de arruaceiros vindos dos bairros nobres do Jardins e Bela Vista. O tráfico local não estava gostando daquela movimentação em seu território e do aumento do policiamento, o que fez Victor suspeitar que o desaparecimento de Antônia era uma mensagem, que se captada corretamente, iria acabar em retaliação, fazendo aqueles bairros hoje pacíficos mergulharem de volta ao caos visto nos anos 90.

Munido dessas informações, Victor resolveu visitar pessoalmente o prédio do CADq. Recepcionado pelo reverendo Mendonça, conheceu a instituição sendo acompanhado pelo religioso e por Márcia, a secretária do local. A estrutura existente não era de fácil acessibilidade, já que a recepção, o alojamento de cães e o centro de triagem situavam-se no

andar térreo enquanto o salão, o alojamento, o refeitório, o ambulatório e os banheiros no andar superior, acessível apenas após passar por um portão gradeado no final da escada. Conforme o reverendo e ela foram narrando as atividades ali realizadas, conseguiu ver os atendimentos individuais e grupais desenvolvidos pelo corpo de profissionais e a equipe técnica. Os atendimentos semanais destinados aos casos mais leves eram acompanhados por familiares, porém os pacientes com quadros mais graves e urgentes eram avaliados e medicados, indicando assim uma contenção química para ânimos mais exaltados.

Ainda assim, dizia o reverendo, se considerava a interação da psicológica dos pacientes com seus familiares e os demais integrantes da equipe era insuficiente, pois a neuroplasticidade (a capacidade do cérebro de mudar e se adaptar estruturalmente e funcionalmente à experiências) com o vício em drogas era de difícil reversão. Para isso, completou a secretária no momento que chegaram nos dormitórios, eles tinham adotado na unidade a estratégia de promover jogos de tabuleiro entre eles. Para o delegado, todos pareciam demasiadamente medicados para jogarem xadrez, mas guardou essa observação para si.

De todos os móveis, o mais chamativo era o salão. Grande, tinha encostado nas paredes cadeiras de plástico e um palco de cimento na forma hexagonal no seu extremo oposto. Poderia ser facilmente um espaço religioso, mas, ao que parecia, não passava de um lugar de palestras. A única coisa que parecia santa ali era um ícone que parecia ter origem bizantina exibindo um santo guerreiro com cabeça de cachorro, evocando a história de São Guinefort, a quem o reverendo era muito devoto e de quem tinha recebido grandes revelações. Lá, eles realizavam conversas sobre a importância de se largar o vício, de como cuidar dos animais de estimação que muitos que moravam na rua tinham, qual seria o papel do Estado e a importância da democracia representativa. O delegado então, indagou se ali também era um lugar de culto, já que o ícone era bastante sugestivo, mas a suspeita foi negada peremptoriamente, já que ali não fornecia acompanhamento religioso, apenas clínico. Perguntando sobre a vinda de pessoas de fora do bairro além dos médicos e pacientes, o reverendo afirmou que a juventude do Partido da Democracia Contemporânea (PDC) ajudava nos finais de semana. Eram estudantes de cursos universitários de humanas como jornalismo, filosofia, psicologia e antropologia que viam a

oportunidade de aprendizado enquanto ajudavam os mais necessitados. Reverendo Mendonça tinha sido um dos fundadores do partido, que começou dentro da sacristia de sua congregação, então era natural que a juventude viesse até lá.

O delegado se despediu de ambos com conjecturas próprias, porém sem nenhuma pista de Antônia. Estava claro que existia um movimento a longo prazo de William em ser candidato a algum cargo no executivo, um projeto de anos. Se deslocar para a periferia da cidade foi o primeiro passo, bem como interferir na discórdia dos moradores com a prefeitura tinha fins eleitoreiros e publicitários, já que tinha se filiado ao PDC logo após mediar o conflito, se colocando como oposição ao atual prefeito e se apoiando na imagem de conciliador para a promoção de sua candidatura.

Os métodos policiais para adquirir informações eram variados, fosse por meio de perambulações discretas, conversas casuais, agentes infiltrados ou tortura. Todas as coisas que Victor conseguiu juntar eram conjecturas e fatos isolados sobre aquela movimentação CADq. Os que usavam a estrutura ocasionalmente viviam como ambulantes na feira de quarta-feira, revendendo eletrônicos e produtos similares sem notas fiscais, mas a maioria, entretanto, não tinha meios de subsistência visíveis e eram controlados através de medicação e seus cachorros, companheiros inseparáveis, eram devidamente destinados a um abrigo próximo. Eles chegavam em ambulâncias do tamanho de camburões. Logo, tanto a presença dos recém-internados quanto a de pessoas tratadas periodicamente começou a ser regulada nas reuniões da juventude do PDC com William no salão. Era notório que seus trejeitos e até sua aparência haviam adquirido um toque que transitava entre dos jovens do partido e os de ex-usuários. O delegado o abordou duas vezes durante a investigação, sendo repelido pelo olhar selvagem mesmo que a educação do homem fosse ímpar. O cientista político não conseguia imaginar que o tráfico poderia retalhar sua tentativa de reabilitar os dependentes químicos atacando e dando fim a sua mulher.

Os dias passaram. O que poderia ter enterrado o caso foi o incidente de deslocamento de competência ajuizado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) que buscava transferir para a esfera federal o caso do desaparecimento de Antônia, fazendo as investigações ficarem suspensas por vários meses, fazendo Victor se ocupar em outras tarefas. Houve uma alta nos ataques de cachorros e, por todo o Domitila, os populares

reclamavam do lamuriar dos caninos na madrugada e, segundo alguns, faziam suas construções tremerem. O trânsito virou um inferno, com camburões e caminhões que carregavam e descarregavam pessoas e material de construção no CADq. Enquanto isso, acompanhou a mudança que começou a acontecer com William Casto. Justamente à época em que uma onda de aumento de sequestros e desaparecimentos de crianças causou uma surpreendente agitação em São Paulo (já que a maioria era de classe média baixa e ninguém ligava para quem é de classe baixa), o cientista político mudou sua aparência. Sua postura ficou arqueada, seu corpo ganhou massa, seu semblante mostrava convicção e elegância canídea, seu vocabulário ficou simplista e suas roupas ficaram menos acadêmicas. Abriu sua casa para churrascos e festas regadas a vinagrete, convidando todos os conhecidos de quem conseguiu lembrar, membros do PDC e pacientes do CADq. Todos, os curiosos, os penetras ou ideólogos, ficaram surpreendidos pela humildade do homem. Havia assegurado de que, no pleito eleitoral que estava próximo, que a esperança iria vencer o ódio e que estava disposto a concorrer ao cargo de governador do Estado.

Victor acompanhava pelos jornais com um sorriso no canto da boca. Tudo indicava que toda a área nobre de Jardins, Pompéia, Bela Vista e Pinheiros tinham agora um representante, alguém em quem votar. Casto era empático, tinha consciência social e cedia seu lugar privilegiado para os mais necessitados, que, excluídos socialmente, poderiam lutar por seus direitos com ele no comando. Grupos sociais minoritários poderiam impor políticas que melhor lhe aprazem sem temer qualquer distinção que não fossem eles a decidir. No bairro, o boato era que Casto estaria se relacionando com a secretária Márcia, mas mantinha tudo secretamente para não perder o palanque que o desaparecimento de Antônia poderia fornecer.

Esse boato voltou à cabeça quando a delegacia do Jardim Castelo recebeu um chamado frenético da região próxima a Praça do Acurí. Os habitantes da região tomados de mais absoluto pavor por uivos agudos seguidos de gritos femininos que cortaram a madrugada. Jovens que voltavam de um baile funk em seus carros tunados com som relataram que uma coisa desconhecida se aproximou furtivamente deles durante a escuridão noturna, desaparecendo ao ligarem os alto falantes. Parecia um cachorro, mas um cachorro terrível. Crianças tinham sido trancadas

em casa desde o grito maléfico, enquanto mães preocupadas e pais armados de facas e caibros foram averiguar a situação. Uivos angustiados foram ouvidos ao arrepio da alma, assustando os demais cães da região que se debatiam em suas correntes possuindo um medo que não podiam suportar.

O corpo brutalmente mutilado da jovem secretária tinha sido encontrado perto de um depósito de lixo na Avenida Augusto de Castro com a Rua 15. As autoridades de São Paulo e o clamor popular exigiam que o caso fosse resolvido o quanto antes para tranquilizar a população. Seria outro problema grave que Victor precisava resolver. Pessoas foram ouvidas, mas todas tinham a certeza de que não foi nada se não o cão que vivia incomodando a vizinhança a mais de um ano, e que a delegacia do Jardim Castelo e o Centro de Zoonoses não faziam nada mesmo recebendo as queixas dos moradores. A imprensa fez pressão o suficiente por três dias inteiros e o laudo pericial foi rápido em constatar que sim, um enorme e furioso ser canídeo atacou a moça. O governador Arragão foi em seu Twitter anunciar medidas de proteção que eram compartilhadas pelo prefeito Vasco enquanto William postou uma foto abraçada com ela, dizendo que aquilo era um absurdo, que a incompetência da atual gestão fazia com que as pessoas não se sentissem mais seguras em andar nas ruas e que sentia muito, deixando suas condolências para a família. Enquanto olhava isso no computador, Victor encarou a foto do candidato do PDC: dois relacionamentos, duas tragédias.

O delegado parou com as reflexões na segunda semana que se seguiu, quando recebeu um chamado do IML. Presto era um perito com quem tinha trabalhado a muito tempo em um caso de homicídio, e pelo jeito tinha algo de bom para ele. Quando chegou no local do IML perto da Estação Perdizes foi recepcionado pelo olhar sério do legista. Ele o apresentou a um homem de terno tweed, o procurador Daltran Schneider, que ficou famoso por combater a corrupção e as máfias chinesa e italiana. O perito os levou para uma sala médica. A coisa boa que ele tinha para um delegado da Zona Sul de São Paulo e um procurador do Estado era um cadáver.

A coisa que estava deitada nua na mesa pericial tinha sinais de sãnie e muco. A polícia tinha quase arrancando as tripas e parte da pele da coisa com as rajadas de tiros. Restos de tecido e fragmentos do que foi uma vez seu vestuário estavam empilhados em uma caixa próxima

a um saco de lona. Seria banal dizer que a coisa que o delegado e o legista não possuíam repertório o suficiente para expressar em palavras o significado daqueles contornos, apenas formas atreladas a rotina de vida do homem médio. Não havia dúvidas de que aquele ser era humano, ou tinha parte humana. Com mãos muito reconhecíveis apesar das unhas serem similares a garras, a monstruosidade começava na cabeça que exibia o crânio mais alongado e feições de um cachorro vira-lata, algo entre um buldogue e terrier e o tecido capilar pertencente à espécie humana e a boca parecia comportar dentes em excesso. O tronco e as partes inferiores eram incrivelmente aberrantes, e apenas os farrapos de um morador de rua permitiriam que andasse sobre São Paulo sem ser notada.

Embora o peito e o abdômen reconstruído tivessem aspectos femininos, o dorso de pelo amarelado lembrava vagamente uma grossa pelagem de certos cachorros. O que vinha da cintura para baixo, no entanto, era algo onde acabava toda a semelhança humana. Em ambos os lados do quadril, no fundo de uma espécie de pinos de ferro rudimentares; e no lugar de onde seria o suposto osso sacro, um pedaço de cartilagem se projetava entre as pernas, que lembravam de maneira grosseira os membros posteriores dos mitológicos sátiros gregos, e terminavam em patas similares a pés humanos com veias verdes salientes.

Segundo Presto, o cadáver era de uma moradora de rua que tinha sido alvejada por policiais militares após investir ferozmente contra eles. Ela ficou incomodada após ser contida com spray de pimenta ao ser flagrada comendo o cérebro de uma vítima de acidente de trânsito. O caso tinha acontecido há dois dias na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, após um acidente envolvendo um ônibus e um motociclista, que teve parte de seu cérebro comido. Ambos tinham sido levados para o IML, já que ambos estavam mortos. Victor conhecia o caso por ter repercutido nas mídias sociais, mas não causou tanta comoção. O perito afirmou que a criatura feminina o tinha assustado o suficiente para realizar exames mais detalhados. De sangue verdadeiro, não havia nada, apenas líquido espesso com um tom amarelo esverdeado e as digitais formavam um padrão similar as digitais de Antônia Casto e, as garras e arcada dentária era a mesma que tinha brutalizado Márcia.

Foi nessa parte que o procurador Daltran Schneider apresentou seu lado da história. Foi durante uma operação contra um carregamento de

drogas supostamente da máfia italiana em uma casa no Bexiga. Assim, um corpo de vinte policiais que lotava quatro veículos partiu ao entardecer, com ele pessoalmente chefiando a operação.

Durante cinco minutos se seguiu o alvoroço de uma severa troca de tiros. Depois do último som da última carga disparada, cerca de cinco suspeitos foram obrigados a sentar-se na própria mão até serem algemados devidamente pelos de policiais enquanto outros dez encontraram o mal irremediável da morte. Com o final da batida, Schneider acabou estudando o lugar com cuidado. O prédio agora estava completamente deserto, contendo apenas petrechos para fabricação e uma quantidade ínfima, porém considerável de entorpecentes. Havia imagens estampadas nas embalagens com um símbolo similar a uma sobreposição do zeta com a letra grega *phi*.

Inquiridos na delegacia, os suspeitos se revelaram ex-dependentes químicos e em sua maioria, com uma longa ficha criminal por crimes hediondos e equiparados. Mas não foi preciso muita inquisição para ficar evidente que não haviam conexões com a máfia mas com algo muito mais profundo. Eles se resguardaram ao direito de permanecerem calados. Havia algo secreto que nem a tortura poderia extrair. Foi apenas uma mulher de aspecto jovem, Giovanna Maia, que parecia ser líder da operação, que resolveu contar com um sorriso sardônico o que sabia, já que, em suas palavras, seria considerada louca de qualquer maneira.

Misturando lendas judaicas com mitos medievais, ela afirmou que durante eras, outros seres governaram a terra antes da humanidade, descendentes da heresia de Caim, monstros cinocéfalos marcados com corpo de homem e cabeça de cachorro que povoaram Canaã e construíram grandes civilizações agora extintas pelo Império Romano e Bizantino e desaparecendo, por fim, nas lanças dos Templários ibéricos. Mas agora os filhos de Abel estavam em decadência, e chegaria o dia em que viriam os filhos de Caim abatendo a todos com sua fúria selvagem e que São Cristóvão não pararia São Guinefort e sua ideologia administrativa. Os suspeitos foram liberados mediante pagamento de fiança, mas a Giovanna apareceu morta em sua cela, sem ferimento aparente. O pagamento tinha sido realizado por uma empresa terceirizada, vinculada ao Hospital dos Casto, falando que aqueles eram insumos para o tratamento de dependentes químicos e que, desde então, olhava com mais cautela para as reuniões do CADq e o corpo da suposta Antônia Casto era a prova que sua cautela não foi em vão.

Na cabeça de Victor tudo estava fazendo sentido. Com todo esse material que tinha juntado, ele deduzir que o PDC em conluio com o Hospital dos Casto estavam fazendo experimentos com os dependentes químicos para criar verdadeiros monstros genéticos, ou, na crença deles, ressuscitar essa raça monstruosa e em uma rebelião contra os humanos tomar o poder, fosse pela força ou pelos votos, criando um trabalho de base nas periferias da cidade. O procurador afirmou que alertou o comandante das Rondas Ostensivas para qualquer movimentação estranha e chamou – "chamou" – a Força Nacional. O delegado ironizou com um balançar de cabeça, perguntando se o Exército sabia o que estava acontecendo. O perito retorquiu, afirmando que se isso chegasse no ouvido do governador, iria deixar de ser um *caso de polícia e virar um caso de política*. O delegado entendeu com um balançar de cabeça, afirmando que só precisava de homens e armas pesadas e acabaria com aquilo em uma noite.

A ideia era ótima, mas a prática era burocrática. Começaram então a pensar em uma maneira de fazer que o máximo de policiais fossem deslocados para a Estrada do Alvarenga. Mover um batalhão todo de policiais militares e os equipamentos necessários significava que a polícia não chegaria ao Domitila até a noite, e fazer um juiz concordar com a ideia da polícia invadir uma clínica de reabilitação sem prova cabal era impossível. Schneider disse para Victor se preparar, pois acusaria formalmente a CADq de tráfico de drogas e máfia, além de acrescentar por fim que tinha evidências que o candidato a governador do Estado tinha sequestrado a própria mulher e cometido com a mesma crimes degradantes: e aí entraria o relatório pericial de Presto. A chance de vazar era certa, e o tráfico local faria algo.

Victor saiu do IML, voltou para a delegacia. O escrivão entrou na sua sala lívido. Houve relatos de que o rosto de uma criança raptada havia sido visto no CADq e era mantida no prédio, além de ser confirmado de que um militante jovem do PDC tinha sido pego com drogas pesadas. Diziam que o tráfico ficou sabendo disso nos arredores do bairro de Pedreira, e a polícia precisava chegar à Estrada do Alvarenga primeiro antes que uma guerra entre facções se espalhasse pela Zona Sul.

A população local se trancou em casa, sabendo por aplicativos de mensagens que o pior ia acontecer. O delegado tomou seu lugar no comando da operação dando instruções para abate. Com a ordem rápida,

a primeira onda de policiais irromperam no prédio. A construção tinha mudado consideravelmente desde que Victor esteve ali, ganhando quatro andares e envergadura. O caos imperava com o vento gélido soprado através dos corredores e as lâmpadas fluorescentes balançando. Os soldados com os dedos no gatilho já tinham começado o seu trabalho. Ouviu-se a algazarra e chiados demoníacos de cachorros blasfemos engasgando com seu sangue no trovejar das armas.

Logo veio a noite. Enquanto seus homens avançavam buscando as crianças, foi direto para o salão no primeiro andar. Ele deveria ter relação com os experimentos genéticos demoníacos. Observou quando policiais subirem os andares algemando, batendo e matando vários militantes e dependentes químicos de aparência abjeta. O reverendo Mendonça que saía correndo de um dos quartos foi agarrado por um policial e imprensado contra a parede soltando palavrões.

No cômodo, o símbolo bizantino continuava ali. Deveria ser ali que o partido que o cientista político havia se tornado centro e líder. No local, um cheiro vago de ossário queimado vinha de um turíbulo aos pés da imagem. Livros mofados de estratégia política e genética cercados por um grande poligonal desenhado no piso. Deitado no chão ao lado de uma seringa estava William, que o encarou com um berro. Seus músculos da região posterior do tronco e do pescoço pareciam inflamados de dor e seus olhos desviavam do delegado para suas mãos contraídas. Veias grossas saltavam ganhando volume, enquanto as unhas dos dedos viraram garras e os músculos do braço torneado ficaram rígidos como aço. Ao mesmo tempo, com um grito Victor sacou a arma e mirou. Pelo contorcionismo corporal, a dor se espalhou pelos ossos, que respondiam nervosamente. Seus ossos torácicos pareciam se alongar num ângulo estranho, crescendo, expandindo, e pelos hirtos passaram a recobrir toda sua pele. Diferente do humano, o corpo do bestial cinocéfalo não se sujeitava mais à paralisia.

O choque foi grande e até hoje Victor não se lembra do que viu; mas, em sonhos, ainda vê o monstro correndo em sua direção, com certas peculiaridades e alterações humanas. Sabe que a sua arma não falhou, e que esvaziou o pente na direção do monstro. Lembra que o projétil ricocheteou batendo no ícone e do local todo desmoronando depois do som das explosões. As sessões de terapia tentam normalizar a memória, mas não lembrou de nada. O choque tinha sido forte demais.

O delegado sobreviveu ao terror no Jardim Domitila e recebeu as maiores honrarias por seu combate ao tráfico de drogas e o resgate efetivo de dez crianças depois que saiu do hospital. Tinha ficado preso nos escombros por quase trinta horas até ser desenterrado. De todos os setenta homens envolvidos na operação, dez acabaram mortos. Nos escombros ainda tinha o corpo de William Casto, que teve sua biografia defenestrada após vir a público o sequestro da sua mulher e a trama do sequestro de crianças.

O desabamento do prédio ocultou o grande massacre que ocorreu ali. Instituições de ensino superior ficaram de luto, partidos manifestaram repúdio à ação da polícia, políticos buscando o progressismo fizeram discursos inflamados e a imprensa cobrou ação dos organismos internacionais de direitos humanos e hashtags subiram e desceram nas redes sociais.

Em seu depoimento, o delegado referendou as falas dos outros soldados, dizendo que centenas de usuários e traficantes prepararam uma tocaia com facadas, estiletes, sacos cheios de fezes e os policiais atiram para se proteger. O procurador Daltran Schneider conseguiu fazer com que o caso nem chegasse às vias criminais utilizando o clamor popular e os ideais da justiça como argumento. Segundo ele, não houve intenção de extermínio, e só tinha morrido quem entrou em confronto, versão contestada pelos jovens militantes presos.

Uma série de suicídios ocorreu entre membros jovens da elite paulistana, seguindo o exemplo do reverendo Mendonça que explodiu sua cabeça com um tiro. Não havia defesa das acusações de alimentar os cães com crianças, já que ossadas foram encontradas e o material genético batia com a dos desaparecidos. O partido PDC foi abandonado e boicotado nas eleições, com a situação se reelegendo facilmente e a saúde do delegado jamais sendo a mesma.

IGOR MORAES DA SILVA é bacharel em Direito e técnico em Telecomunicações. Foi bolsista do CNPq e desenvolveu projetos para a coleção “O que é ser cientista?” da Universidade Federal do ABC. Foi semifinalista do III Prêmio ABERST de Literatura na categoria Conto de Terror. Instagram: @i_moraes18

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Nosso podcast Território Cyberus está disponível nas principais [plataformas de áudio](#). Caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Fizemos uma tentativa de lançar a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**, porém, eu, Maurício Coelho, estou sem tempo para continuar o projeto. Apesar disso, você pode conhecer a ABFCF [clikando aqui](#).

Mensalmente, estamos lançando campanhas de financiamento coletivo. Quero agradecer a todas as pessoas que estão nos ajudando na divulgação. Como sabem, nosso alcance ainda é pequeno. As campanhas da vez são “New Weird: Estranhas Realidades”, disponível em catarse.me/newweird e “O Mago da Ilha, Frank Stover Winger”, o único romance de ficção científica do pai da Clare Winger Harris, disponível em catarse.me/omagodailha. Ambas são campanhas “tudo-ou-nada”, caso não consigamos a meta mínima de 100%, os livros não serão financiados.

É isto. pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!